



BOAS PRÁTICAS

Baseado em informações não confiáveis

Como uma empresa de big data com atitudes suspeitas conseguiu fornecer dados para artigos sobre a Covid-19 publicados em duas importantes revistas científicas

Uma pequena empresa de análise de dados médicos sediada em Chicago, nos Estados Unidos, a Surgisphere Corp., e seu presidente, o cirurgião vascular Sapan Desai, estão no centro de um escândalo que revelou fragilidades no processo de revisão de artigos durante a pandemia em duas respeitadas revistas científicas, *The Lancet* e *The New England Journal of Medicine (NEJM)* – e ainda produziu ruído extra no debate sobre a eficiência contra a Covid-19 da hidroxicloroquina, um remédio usado para combater a malária.

Desai, de 41 anos, foi coautor de um artigo publicado em 22 de maio na *The Lancet* que teve grande repercussão por sugerir que a hidroxicloroquina, além de não ser eficaz contra a infecção do novo coronavírus, ainda aumentaria o risco de mortalidade por problemas cardíacos. Ele também assinou um artigo na *NEJM*, publicado em 1º de maio, que avaliou o efeito de alguns medicamentos para doenças cardíacas em pacientes com o novo coronavírus. Os dois estudos foram retratados em 5 de junho, dada a impossibilidade de assegurar a veracidade de seus achados. Acontece que Desai se recusou a fornecer os dados brutos que embasavam as conclusões dos artigos, o que tornou inviável a comprovação

dos resultados. “Como não podemos verificar os dados primários nem suas fontes, não tenho mais confiança na origem e na veracidade dos dados nem nas descobertas que eles apontaram”, disse, em comunicado, o autor principal dos trabalhos, o cirurgião cardíaco Mandeep Mehra, do Brigham and Women’s Hospital, em Boston.

A participação de Sapan Desai e sua empresa em ambos os *papers* baseou-se na coleta de dados atribuídos a 96 mil pacientes com testes positivos para o vírus Sars-CoV-2 de 671 hospitais em diversos países entre 20 de dezembro de 2019 e 14 de abril passado. Em seguida, a Surgisphere utilizou ferramentas de inteligência artificial para extrair tendências desse volume de informações. Dessa forma, concluiu pela associação entre uso de hidroxicloroquina e aumento de óbitos por colapso do coração. Quando as primeiras dúvidas apareceram, Desai afirmou que permitiria uma auditoria em seu banco de dados, mas por fim comunicou que os dados eram protegidos por sigilo e não tinha autorização dos hospitais para compartilhá-los. Nem essa informação, contudo, pôde ser corroborada. Nenhum hospital que trabalha com pacientes de Covid-19 admitiu fornecer dados de seus pacientes para a Surgisphere.

Logo após a publicação do artigo sobre a hidroxicloroquina, surgiram críticas relacionadas a registros inconsistentes. A Surgisphere tinha dados sobre 4,4 mil pacientes hospitalizados na África, um número visto como exagerado para apenas 15 mil casos no continente até meados de abril. As dúvidas cresceram quando se constatou que a origem dos dados era uma empresa com apenas seis funcionários e pouca tradição no mercado de inteligência artificial. Causou estranheza que ela pudesse de fato ter acesso a dados de prontuários de pacientes fornecidos por centenas de hospitais no mundo inteiro. As suspeitas também recaíram sobre outros trabalhos científicos que utilizavam os dados da Surgisphere. Um *preprint*, assinado igualmente por Desai e seus colaboradores e publicado no dia 14 de abril, sugeria a eficiência de um vermífugo, o Ivermectin, contra a Covid-19 e lastreou a decisão de vários países de testar a droga. Após a retratação do artigo da hidroxicloroquina, o *preprint* do Ivermectin também foi removido pelos autores.

Sapan Desai fundou a Surgisphere em 2007, quando era médico residente da Universidade Duke. No início, a empresa produzia guias médicos e livros didáticos. Ao longo do tempo, especializou-se em análise de registros hospitalares. Em uma entrevista a uma emissora de TV da Turquia, quando o artigo da *Lancet* foi publicado, ele chegou a dizer que suas ferramentas de big data aplicadas a dados de pacientes poderiam tornar dispensável “a realização de ensaios clínicos randomizados”.

A ligação do dono da Surgisphere com os demais autores dos artigos também passou a ser investigada. Até então, eles jamais haviam trabalhado juntos. O autor principal dos trabalhos, Mandeep Mehra, é um renomado especialista em transplantes cardíacos. Atribui-se ao seu prestígio o fato de as duas revistas terem aceitado avaliar os artigos em regime de *fast-track*, em que a revisão por pares é acelerada para disponibilizar rapidamente resultados de interesse público. Mehra conhecia há algum tempo outro autor, o cirurgião torácico Amit Patel, cofundador de uma empresa de terapias genéticas para tratar doenças cardíacas e disfunções sexuais, a Triple Gene. Patel já teve passagens como cirurgião na Faculdade de Medicina da Universidade de Miami e como professor voluntário na Universidade de Utah, ambas nos Estados Unidos. Mehra já havia trabalhado em um projeto da Triple Gene sobre o uso de células-tronco para tratar doenças cardíacas. Foi Patel quem apresentou Mehra a Desai.

Para Jerome Kassirer, que foi editor-chefe do *NEJM* na década de 1990, as revistas falharam ao não submeter os trabalhos a uma análise mais criteriosa. Em entrevista à revista *Science*, ele classificou como “completamente bizarra” a colaboração entre pesquisadores com atividades aparentemente dispare, alguns deles com vínculos tênues com instituições, e que jamais haviam trabalhado juntos anteriormente. Em situações normais, ele diz, esse conjunto de pontos fora da curva seria suficiente para que um sinal de alerta soasse durante a revisão por pares e os cuidados fossem reforçados. Wendy Rogers, especialista em bioética da Universidade Macquarie, em Sydney, Austrália, disse à revista *Nature* que os editores das revistas deveriam ter feito mais perguntas sobre uma coleta de dados tão abrangente, em hospitais do mundo inteiro, e realizada em meio a uma pandemia. “Há tanta pressão na pesquisa sobre a Covid-19 que todo tipo de trabalho está sendo publicado”, alertou. Os editores da *Lancet* e da *NEJM* não se pronunciaram sobre as críticas.

A retratação do artigo sobre a hidroxicloroquina não teve o condão de reabilitar o medicamento. Três estudos científicos realizados com um grande número de pacientes foram publicados no início de junho, sendo dois com pessoas expostas ao vírus e com risco de infecção e um com pacientes com Covid-19 internados em estado grave. Nos três casos, a conclusão é de que não existe benefício em utilizar a droga. “Seria melhor mudar nossa atenção para medicamentos que realmente possam funcionar”, disse à *Science* Eric Topol, diretor do Instituto de Ciência Translacional Scripps, na cidade de San Diego, Califórnia. ■

Fabício Marques

Harvard afasta antropólogo por assédio sexual

A Universidade Harvard colocou em licença remunerada um de seus mais proeminentes professores de antropologia, o especialista em cultura andina Gary Urton, de 71 anos, enquanto investiga denúncias de assédio sexual contra ele apresentadas por ex-alunas. O escândalo eclodiu em 30 de maio, quando a edição on-line do jornal estudantil *The Harvard Crimson* publicou o conteúdo de um depoimento de uma ex-estudante de Harvard. A mulher, cujo nome não foi revelado, disse ter procurado Urton para pedir uma carta de recomendação. Ele a convidou para um encontro em um hotel perto da universidade e, segundo o relato, ficaram bêbados e fizeram sexo. Mantiveram um relacionamento consensual entre 2011 e 2013, que ela classificou como “muito traumático”.

Em 2016, a ex-aluna procurou a direção da universidade e fez queixa de assédio, mas o caso não teve desdobramentos. Ocorre que, até 2015, Harvard

não proibia formalmente os professores de se relacionarem sexualmente com alunos. O *Harvard Crimson* teve acesso ao depoimento ao investigar um caso paralelo: um processo movido contra Harvard pela antropóloga forense Kimberly Theidon. Ela acusa de perseguição o Departamento de Antropologia da universidade por tê-la dispensado no final do período probatório como pesquisadora. Segundo Theidon, o motivo da dispensa seria o apoio que ela dava a alunas que sofreram assédio sexual no departamento. Para corroborar sua versão, mostrou à Justiça o depoimento de uma ex-aluna que ajudara, a do relato sobre Gary Urton, que agora veio a público.

A divulgação foi o estopim para que outras mulheres também denunciassem o pesquisador. Uma delas, a antropóloga Jade Guedes, publicou em sua conta no Twitter uma cópia de um e-mail que recebeu de Urton em junho de 2012, quando ela era estudante de doutorado

em Harvard e ele chefe de departamento. O pesquisador sugeriu um encontro para discutir seu projeto. Guedes, então com 32 anos, aceitou. Em seguida, recebeu um e-mail explícito: “Gostaria de saber se você estaria interessada em algo mais íntimo. E se eu conseguisse um quarto de hotel, pegássemos uma garrafa de vinho e passássemos a tarde entre conversas e explorações? Espero que isso não seja chocante ou perturbador para você”. A aluna, na época, apenas recusou a oferta, mas decidiu apresentar uma denúncia formal agora, ao descobrir que outras também foram assediadas. Urton se diz injustiçado. “Eu adoraria responder às falsas alegações que estão circulando e destruindo minha reputação, mas fui aconselhado a não fazê-lo nesse momento. Espero que algum dia tenha a chance de limpar meu nome”, disse em um comunicado. Mas admitiu ter enviado o e-mail a Guedes e pediu desculpas a ela por seu comportamento.

A lista de retratações aumenta

Faz 10 anos que o anesthesiologista alemão Joachim Boldt envolveu-se em um dos maiores escândalos de má conduta científica já registrados. Acusado de fabricar dados em dezenas de artigos científicos e de realizar ensaios clínicos sem aprovação, ele perdeu o emprego em um hospital em Ludwigshafen, em 2010, e o título de professor na Universidade de Giessen, no ano seguinte. Até hoje, contudo, o escândalo tem desdobramentos. Apenas em 2020, cinco artigos científicos de autoria do alemão sofreram retratação. Com isso, ele alcançou o patamar de 105 *papers* cancelados. Não se trata de um recorde, segundo um ranking organizado pelo site Retraction Watch. O também anesthesiologista Yoshitaka Fujii, que morreu em 2017 e publicou artigos com dados

fabricados por duas décadas, segue em primeiro lugar com 183 retratações.

As retratações tardias de Boldt envolvem uma série de artigos de revisão de literatura publicados entre 2000 e 2010. O problema desses artigos é que eles mencionam em suas referências bibliográficas alguns dos *papers* do ex-pesquisador que foram cancelados por fabricação de dados. “Consequentemente, isso torna o conteúdo da revisão não confiável”, explicou Giuseppe Citerio, o editor-chefe do periódico *Intensive Care Medicine*, a propósito da retratação de um artigo de Boldt datado de 2000. A lista ainda pode crescer. A revista *Anesthesia & Analgesia*, que retratou dois artigos de Boldt em junho, ainda está avaliando o conteúdo de um terceiro *paper*, que foi publicado em 2003 e já recebeu 32 citações.